

---

## *Masculinidade em Rose: gays efeminados/homens discretos*

*Masculinities in Rose: effeminate gay/discreet men*

*Charles Roberto Ross Lopes\**

---

**Resumo:** *Rose...* assim era denominada a primeira revista Gay editada no Brasil entre fins da década de 70 e princípios da de 80 (séc. XX). Nos limites desse artigo, a revista *Rose* não foi considerada apenas como veículo de comunicação e entretenimento, mas, antes disso, tomada como fonte histórica. Sendo portadora de um conjunto de pedagogias do gênero e da sexualidade, a revista está implicada na produção de um modelo de masculinidade homossexual normalizada. A partir do referencial teórico dos Estudos de Gênero, desde uma perspectiva feminista e pós-estruturalista, analiso o enunciado que articula a masculinidade homossexual a comportamentos efeminados.

**Palavras-chave:** gênero; masculinidade homossexual; revista *Rose*.

**Abstract:** *Rose...* so it was named the first gay magazine edited in Brazil between late 1970s and early 1980s. Within the bounds of this article, *Rose* magazine has not been considered only as a vehicle of communication and entertainment, above all, it has been taken as a historical source. As a carrier of a set of pedagogies of gender and sexuality, the magazine is involved in producing a normalized model of homosexual masculinity. Based on the theoretical referential of Gender Studies from a feminist and post-structuralist perspective, it was analyzed the “enunciation” that articulates the homosexual masculinity to feminine behaviors.

**Keywords:** gender; homosexual masculinity; *Rose* magazine.

---

\* Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS na linha de pesquisa Educação, Sexualidade e Relações de Gênero. Graduado em História pela UCS. *E-mail:* charlesross17@yahoo.com.br

Se, conforme Lucien Febvre e Marc Bloch, o historiador deve farejar “tal como o ogro da lenda, a carne humana – em qualquer lugar que pudesse ser encontrada, em quaisquer meios” (apud CARDOSO; MAUAD, 1997, p. 401), neste artigo adoto como fonte histórica de análise a revista *Rose* publicada no Brasil, em fins da década de 70 (séc. XX) e princípios de 1980.<sup>1</sup> Ao se constituir a primeira publicação brasileira destinada ao público homossexual masculino, ela não será aqui explorada como mero veículo de informação ou entretenimento, mas como uma dentre outras possibilidades de visibilização e construção da masculinidade homossexual em curso nesse contexto histórico-cultural. Todavia, meu interesse não consiste em relatar o modo de vida dos homens *gays* naquela época. Antes disso, me proponho a analisar o enunciado segundo o qual a masculinidade homossexual está articulada a comportamentos efeminados. Nas páginas que seguem, a recorrência desse enunciado será analisada em alguns artigos redigidos na seção “Confidências”, nos anúncios que selecionei de “Encontro gay”, bem como, em alguns desenhos do concurso “Dê o ar de sua guei-graça”.

Antes de prosseguir, duas considerações teóricas são necessárias: 1) a suspensão do objeto natural sujeito homossexual, a fim de compreender as relações, as práticas que tornaram possível tal objetivação; 2) a compreensão da noção de enunciado conforme proposto por Michel Foucault.

O interesse de Foucault não está no pensamento como atividade de uma razão pura, mas em um pensamento configurado pela própria historicidade. Daí a necessidade de tomar as *práticas* como constituidoras dos próprios *objetos*. Tal compreensão promove a substituição do universo das coisas ocultas sob as palavras, pelo mundo dos objetos criados pela linguagem como prática histórica. O que se pretende é “substituir o tesouro enigmático das ‘coisas’ anteriores ao discurso pela formação regular dos objetos que só nele se delineiam”. (FOUCAULT, 2008a, p. 53). Objetos, esses, cuja definição está relacionada “ao conjunto das regras que permitem formá-los como objetos de um discurso e que constituem, assim, as suas condições de aparecimento histórico”. (FOUCAULT, 2008a, p. 53).

Seguindo essa lógica, não há uma coisa denominada *homossexualidade* relativamente à qual os homossexuais se comportam, tampouco um *sujeito homossexual* como um ser transcendental, a-histórico. O objeto homossexual pode ser tratado seguindo práticas tão diferentes, de acordo com as épocas, que os ditos *homossexuais* não têm senão o nome em comum. Objetivações diferentes que desmancham e fazem pulular mil acontecimentos lá onde estava a “marca da identidade”, da naturalidade desse objeto. Dito de outra

maneira, o sujeito homossexual é objetivado segundo um conjunto heterogêneo de práticas. Como salienta Paul Veyne, “tudo gira em torno desse paradoxo, que é a tese central de Foucault, [...]: *o que é feito*, o objeto, se explica pelo que foi *o fazer* em cada momento da história; enganamo-nos quando pensamos que o *fazer*, a prática, se explica a partir do que é feito”. (VEYNE, 2008, p. 257).

Portanto, nos limites desta pesquisa, considero a homossexualidade como uma dentre outras maneiras possíveis de viver as masculinidades. De acordo com Robert Connell, “a masculinidade é uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”. Há, normalmente, “mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade”. Assim, “diferentes masculinidades são produzidas no mesmo contexto social”, e “qualquer forma particular de masculinidade é, ela própria, internamente complexa e até mesmo contraditória”. (CONNEL, 1995, p. 188-189). Devido a essa pluralidade de configurações, não deveríamos falar em masculinidade, mas em *masculinidades*. Dessa maneira, a construção da masculinidade (seja ela hetero, homo ou bissexual) deve ser pensada como um projeto – tanto coletivo quanto individual – na medida em que se configura como um processo em contínua transformação, atravessado por distintos marcadores sociais – geração, etnia, escolaridade, pertencimento religioso, classe social e econômica, nacionalidade, etc.

Concomitantemente a essa perspectiva, é recusado qualquer esforço de interpretação dos discursos dirigidos ao encontro do seu significado originário ou remetente ontológico. Antes disso, a ênfase investigativa se volta para a linguagem na sua instância de aparecimento, ou seja, para os enunciados.

Em termos talvez simples em demasia em face da complexidade da noção de enunciado, poderíamos considerar que não interessa tanto o que foi dito, mas antes compreender por que algo pôde ser dito em uma determinada época e numa determinada sociedade. Dito de outra maneira, o que se busca são as regras que, de acordo com a configuração do saber em um determinado contexto, permitem que se possa falar de certas coisas e não de outras.

O domínio enunciativo está, inteiro, em sua própria superfície. Cada enunciado ocupa aí um lugar que só a ele pertence. A descrição não consiste, pois, a propósito de um enunciado, em reconhecer o não-dito cujo lugar ele ocupa; nem como podemos

reduzi-lo a um texto silencioso e comum; mas, pelo contrário, que posição singular ocupa, que ramificações no sistema das formações permitem demarcar sua localização, como ele se isola na dispersão geral dos enunciados. (FOUCAULT, 2008a, p. 135-136).

Diante disso, analisar um enunciado é reconhecer suas especificidades, é apreendê-lo como um acontecimento situado no tempo e no espaço e que pertence a uma dada formação discursiva. Para tanto, o enunciado não pode ser compreendido de maneira isolada; antes disso, é necessário integrá-lo em um determinado contexto em que exerce uma função específica.

É, portanto, a função enunciativa que torna possível que se possa dizer, e torna possível que se possa ver. Ela faz com que algo ou alguém se torne inteligível. E é aí que o conceito de enunciado em Foucault ganha força para as ciências sociais, porque só existimos como seres possíveis, inteligíveis, se houver um enunciado nos precedendo e nos autorizando. Refletindo sobre o caso das relações de gênero, são enunciados de gênero que nos fazem possíveis. Aqueles que resistem aos enunciados de gênero – homossexuais, travestis, *drag queens*, transexuais, intersexuais, etc. – não são inteligíveis para nossa cultura e, portanto, são colocados no lugar da abjeção.<sup>2</sup> O impossível no possível, porque todo corpo que existe materialmente é possível, mas o corpo que não acha lugar nos enunciados de gênero torna-se impossível.

\*\*\*

Publicada e distribuída mensalmente pela *Grafipar* (Gráfica Editora Ltda., com sede em Curitiba) *Rose* foi lançada no mercado editorial brasileiro em março de 1979. Já em princípios de janeiro de 1980 (edição n. 11), a revista torna-se uma publicação quinzenal, assim permanecendo até outubro de 1982, quando retorna novamente a ter edições mensais. O último exemplar da revista de que disponho (edição n. 81) data de fevereiro de 1983. Devido à escassez de informações disponíveis sobre a revista, não é possível afirmar se foi, ou não, nessa data que ela deixou de circular.

Embora com pequenas dimensões (20,5cm de altura por 13,5cm de largura) e poucas páginas (variando de 30 a 43 laudas), a revista apresentava aos seus leitores uma diversidade de assuntos desde textos sobre comportamento, variedades culturais, astrologia, humor, contos eróticos até discussões sobre o movimento feminista e homossexualidade masculina.

## Imagem 1



Capa de *Rose* n. 5/1979



Capa de *Rose* n. 76/1982

É certo que *Rose* surge como uma publicação direcionada ao público feminino. Sua proposta editorial afirma que a intenção da revista não era oferecer ilusões, mas prestar um serviço às mulheres no que tange à luta por “direitos e oportunidade iguais de desenvolvimento pessoal e profissional”. (*Rose*, n. 5/1979, p. 3). “E essa tem sido a preocupação constante de nossos artigos, com informações honestas e claras sobre assuntos que variam de leis trabalhistas a orgasmo, de educação de crianças aos métodos anticoncepcionais.” (*Rose*, n. 16/1980, p. 3).

Os textos da seção “Retalhos” apresentavam notas informativas sobre as novidades do cenário artístico-cultural da época. A partir do exemplar de número 50 (agosto de 1981), seu enfoque temático é deslocado para informações do universo homossexual. Entrevistas com personalidades *gays*, fofocas, informações do movimento homossexual, indicações de casas noturnas, saunas, cinemas e a publicação de livros versando sobre tal temática são noticiados nesse espaço. Desde então, a seção recebe nova nomenclatura, passando a se chamar “De cabo a rabo”.

Não muito diferente de outras revistas publicadas no período, havia em *Rose* um espaço destinado ao horóscopo: “Rose astral”. Nele eram respondidas as cartas enviadas à redação pelos/as leitores/as esclarecendo

sobre a influência dos astros em sua vida. Já em novembro de 1981 (edição 55), ela é remodelada recebendo o nome de “Homoróscopo”. Desde então, as orientações astrológicas e dicas eróticas eram destinadas exclusivamente aos leitores homossexuais da revista.

É importante mencionar que a principal característica apresentada por *Rose* era a interação que estabelecia com os/as leitores/as através das cartas que enviavam às suas seções – sobretudo, “Informação sexual e confidências” – ou aos anúncios eróticos que eram impressos nas páginas finais da revista.

As vivências femininas compunham os textos da seção “Fora da cama”. Nela, temáticas diversificadas eram contempladas, desde os cuidados com a organização doméstica e com a educação da prole, até os avanços nos direitos civis conquistados pelas mulheres nos cenários nacional e internacional. Sua existência efêmera pode ser comparada a de *Informação sexual*, espaço no qual os/as leitores/as eram colocados/as em contato com matérias que discorriam sobre a vida sexual feminina. Provavelmente, isso se explique pelo próprio movimento de transformação da revista em uma publicação *gay*, acompanhado pela criação de seções compatíveis com os interesses *gays*, e a conseqüente extinção daquelas vinculadas a temáticas femininas.

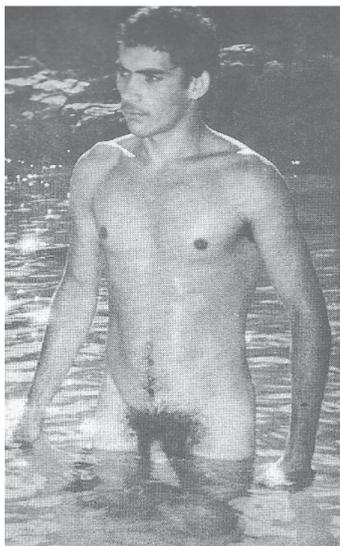
A homossexualidade masculina recebia uma atenção especial nos artigos de *Confidências*. Neles a sexóloga Nina Foch (personagem criada pela revista), respondia às “angústias afetivo-sexuais” dos homens que escreviam à seção. Havia relatos dos conflitos gerados pela vivência (ou não) da homossexualidade, bem como de casos em que homens recorriam à prostituição masculina para satisfazerem seus desejos sexuais e carências afetivas. As paixões, o amor por outro homem, nem sempre correspondido ou aceito por aquele que nutre tais sentimentos, as traições, a decisão e os supostos custos morais em assumir um relacionamento eram algumas das temáticas contempladas nessas cartas. Diante dessa diversidade temática, a revista buscava sustentação científica ao tecer suas explicações a respeito da homossexualidade, sobretudo nas pesquisas do americano Alfred Kinsey sobre a sexualidade humana.

Outro meio de comunicação com o público era estabelecido por intermédio da promoção de concursos que premiavam os ganhadores com quantias em dinheiro. Exemplo do concurso “Contos eróticos”, dos cartuns “Dê o ar de sua guei-graça”, e dos concursos fotográficos “Rose e Eles”, “Vitrine de Rose”, e “O homem do princípio ao fim”.

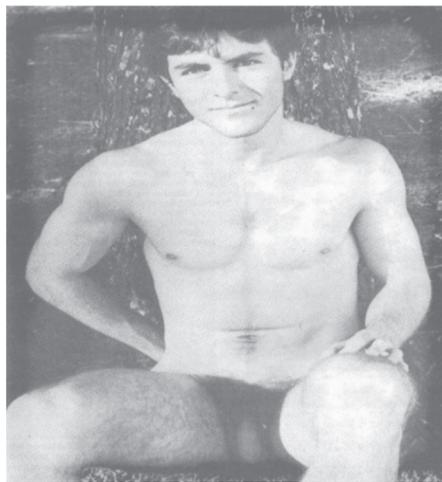
Os enredos de “Contos eróticos”, lançado a partir de julho de 1979, na quinta edição da revista, versavam sobre conquistas amorosas pontuadas pela consumação do desejo sexual de seus protagonistas, fossem eles um homem e uma mulher ou – como passa a ser frequente a partir do exemplar 50 – dois homens. O forte apelo sexual também estava presente nas estórias em quadrinhos que surgem no número 16, em março de 1980. Intituladas “Quadrinhos Gueis”, suas narrativas eram compostas de temáticas exclusivamente homoeróticas. Além de contos e quadrinhos, aparecem na edição 55 (novembro de 1981) os cartuns do “Dê o ar de sua guei-graça”.

O concurso “Rose e Eles” foi lançado em março de 1980 e, assim como os demais concursos fotográficos de *Rose*, era destinado a homens maiores de 18 anos. Alguns elementos caracterizam as fotografias que aí aparecem. As imagens em preto e branco possuem como cenário a natureza ou ambientes domésticos. Os homens de aparência jovem e pele clara exibem seus corpos magros e praticamente desprovidos de pelos, vestindo apenas roupas íntimas ou inteiramente nus. Essa breve descrição em nada se distancia das fotos visualizadas na seção “Vitrine de Rose” criada pela revista em sua trigésima edição.

## Imagem 2



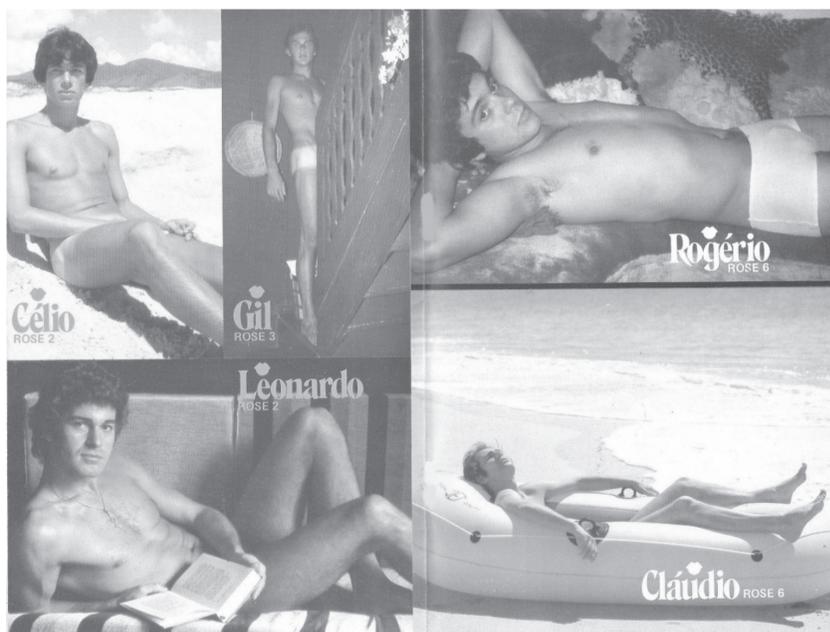
*Rose & Eles*, n. 55/1981, p. 35



*Vitrine de Rose*, n. 75/1981, p. 11

Há uma semelhança entre os corpos masculinos exibidos em *Rose*. Com raras exceções, são homens com tonalidade de pele clara, cuja aparência física é bastante jovem. Todos os modelos fotografados são magros, sendo que alguns possuem a musculatura levemente trabalhada. Também é possível perceber que gradualmente ocorre um desaparecimento dos pelos corporais. As fotografias de homens densamente peludos, publicadas nas primeiras edições, cedem espaço à exibição de corpos quase sem pelos, se não fosse a presença daqueles distribuídos na região pubiana e nas axilas. Esse perfil corporal também pode ser observado nas imagens coloridas dos “Pôsteres de Rose” (editados nas páginas centrais da revista), e naquelas exibidas pelo concurso “O homem do princípio ao fim”, lançado em agosto de 1982, na edição 74, cujas fotografias integravam as duas páginas iniciais e as duas páginas finais da revista.

### Imagem 3



*Rose* n. 16/1980, p. 20-21

Após a extinção da censura prévia em 1979, a exibição de nus frontais é fartamente explorada pela revista. Ainda que o ângulo dessas fotografias permanecesse centrado no pênis, abdômen, peitoral e rosto do modelo, não estamos diante de poses lascivas, mesmo nas pouquíssimas vezes em que os membros sexuais estão eretos. Em contrapartida a essa inflação imagética de falos, ocorre a preservação da parte dorsal desses corpos. Certamente, *Rose* é precursora ao fotografar nus brasileiros – homens que não eram modelos profissionais – numa época em que as poucas imagens masculinas que circulavam no País eram cópias daquelas apresentadas por publicações estrangeiras especializadas em nus masculinos.

Portanto, ainda que destinada oficialmente ao público feminino, “A revista que informa as mulheres e tira a roupa dos homens” (*slogan* publicado nas edições da revista), lentamente passou a explorar o nicho de publicações *gays* inexistente no Brasil até princípios da década de 80 (séc. XX). Sua transformação na primeira publicação *gay* a circular no Brasil pode ser constatada através das mudanças ocorridas em seu perfil editorial. Gradualmente, os artigos redigidos direcionavam seu enfoque temático para questões vinculadas à homossexualidade masculina, como era o caso exemplar de *Confidências*. Além disso, houve a criação de novos espaços onde eram exibidas fotografias que exploravam cada vez mais a nudez masculina, tornando a revista pioneira na publicação de “nus masculinos brasileiríssimos!”

Dessa maneira, *Rose* pode ser considerada como a primeira revista direcionada ao público homossexual masculino a ser produzida em solo brasileiro. “Sem dúvida a pioneira, a primeiríssima do Brasil – e, PORTANTO, A PRIMEIRA E MAIS ANTIGA REVISTA GUEI DO BRASIL.” (*Rose*, n. 81/1983, p. 6, grifos da revista).

\*\*\*

*Conosco você não precisa tomar banho de gesso ou passar gumex nas suas plumas. [...] Ao entrar em nosso escritório já se sente no ambiente aquele ar alegre e descontraído do nosso mundo, que pode não ser cor de rosa, mas pega bem um lilás Saint Laurent. (Rose, n. 30/1980, p. 5).*

A pequena nota da primeira agência de turismo *gay* a oferecer seus serviços no Brasil, publicada na seção “Retalhos” da edição n. 30, da segunda quinzena de outubro de 1980, dá as cores da imagem elaborada por *Rose*,

ao longo de seus exemplares, sobre o “mundo guei”. Nesse mundo, “que pode não ser cor de rosa, mas pega bem um lilás Saint Laurent”, a masculinidade homossexual é fortemente associada aos atributos que culturalmente definimos como próprios do gênero feminino, ou seja, a comportamentos, na maior parte das vezes, caricaturalmente efeminados. Ao lilás Yves Saint Laurent, são acrescidas roupas justas, corpos longilíneos, rostos maquiados, penteados elaborados... elementos que corroboram a caracterização da figura do homossexual masculino.

Delicadeza, traços meigos e carinhosos, pele suave, frágil composição corporal, sensibilidade, etc. Esses e outros aspectos são empregados na cultura ocidental para definir o gênero feminino, mas a que estamos nos referindo quando falamos em *gênero*? A que perspectiva de análise, a que compreensão teórica?

De acordo com as abordagens feministas pós-estruturalistas, o conceito de gênero inclui as diferentes formas de construção social, cultural e linguística implicadas nos processos que diferem homens de mulheres, incluindo aqueles que produzem seus corpos, distinguindo-os e os separando como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade. Assim, seu emprego “põe a ênfase sobre todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas ele não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade”. (SCOTT, 1995, p. 76).

O corpo, nessa vertente teórica, não é concebido como uma entidade biológica universal, apresentada como origem das diferenças entre homens e mulheres ou como superfície sobre a qual a cultura opera para produzir desigualdades. Ele é teorizado como construto sociocultural e linguístico, produto e efeito de relações de poder. Daí a importância atribuída à linguagem como *locus* de produção das relações que a cultura estabelece entre corpo, sujeito, conhecimento e poder.

Mesmo que o gênero apresente um caráter histórico, linguístico e cultural, ele também se constrói a partir de corpos que são nomeados e reconhecidos, a partir de então, como corpos dotados de uma sexualidade. Não há uma rejeição da materialidade do corpo. Antes disso, ocorre um redirecionamento do enfoque analítico, que passa a contemplar os processos e as relações segundo os quais sua biologia é tomada como causa e explicação de diferenciações e posicionamentos sociais.

De acordo com Judith Butler (2007), o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado em um sexo previamente dado, mas ele deve designar também o aparato, mesmo, de produção

mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Essa autora assinala a impossibilidade da existência de um corpo ou de um *sexo* passivo à espera de um construto cultural de gênero que vai dar significado às diferenças sexuais.

O “sexo” é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o “alguém” simplesmente se torna “viável”, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural. (BUTLER, 2007, p. 155).

O gênero é compreendido, portanto, como “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos”, e como “um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. (SCOTT, 1995, p. 86). Ao distanciar-nos de abordagens que operam restritamente sobre a noção de papéis e funções de homens e mulheres, o conceito de gênero possibilita-nos considerar que as próprias instituições, as normas, os conhecimentos, os símbolos, as leis e políticas de uma sociedade são constituídos e atravessados por pressupostos do masculino e feminino, isto é, por relações generificadas.

Dessa maneira, há em curso um processo de educação e socialização dos sujeitos que nos leva a compreender o gênero como “uma categoria imersa nas instituições sociais – o que implica admitir que a justiça, a escola, a Igreja, etc. são ‘generificadas’, ou seja, expressam as relações sociais de gênero”. (LOURO, 1995, p. 103). Além disso, a pluralidade dos processos pelos quais a cultura produz e diferencia corpos e sujeitos masculinos e femininos faz com que a categoria de gênero esteja articulada a outros marcadores sociais, como: etnia, sexualidade, classe, geração, nacionalidade, religião, nível de escolaridade, etc.

Seguindo o viés argumentativo segundo o qual a masculinidade homossexual é marcada por comportamentos efeminados, a revista edita, no número 65, de abril de 1982, um artigo que buscava esclarecer algumas das razões explicativas para a manifestação desses traços efeminados. Partindo do pressuposto de que há uma série de fatores que determinam o modelo feminino assumido pelos homossexuais, o texto publicado na seção “Confidências” recorre à autoridade do discurso científico, sobretudo, psicanalítico, para afirmar que

na fase do complexo de Édipo, a criança normalmente rejeita a figura do pai, o modelo paternal, assumindo a figura da mãe. Um

pai ausente ou agressivo pode constituir um forte agravante desse quadro. A mãe mal-amada e possessiva elimina essa figura do pai – fatores que passam para a criança, desde os primeiros anos de vida. A psicanálise tem como certo que este é um dos fatores predominantes. (*Rose*, n. 65/1982, p. 30).

Além desse fator, de acordo com a revista, assumir o modelo feminino também significa para o homossexual uma espécie de resposta a um ambiente repressivo. Entenda-se aqui por ambiente repressivo não apenas a presença de uma figura paterna hostil, como também o forte sentimento de posse exercido pela mãe sobre seu filho. Seria, portanto, esse amor excessivo, revelador de uma grande demanda afetiva materna, o responsável pelo estabelecimento de um forte vínculo entre mãe e filho, criando “um cordão umbilical que é muito mais forte no homossexual que no hetero”.

Esse aspecto culminaria com a anulação do modelo paternal e, conseqüentemente, do padrão masculino. Dessa maneira, haveria o estabelecimento de certa diferenciação entre o

homossexual que se aceita mais por completo, assumindo uma postura natural (muitas vezes um pouco contida [...]) –, passa por aquele que, mesmo efeminado, não se considera como tal, e vai ao que “assume” uma posição extrema, uma espécie de caricatura do chamado modelo feminino. Em todos, enfatize-se, é condição comum considerar-se “tão efeminado quanto este ou aquele”. (*Rose*, n. 51/1981, p. 39).

As proposições da revista insistem no fato de que existiria um *homossexual natural*, ou seja, um homem *gay* que não apresentaria afetações, trejeitos efeminados. Logo, um indivíduo discreto e masculinizado. Nesse sentido, a presença em corpos masculinos de comportamentos socialmente considerados adequados para mulheres é vista como uma espécie de *desvirtuamento moral*, quando não uma patologia passível de intervenção médica. Desde que esses homens efeminados compreendessem que tais manifestações refletem uma fixação na figura da mãe e uma conseqüente negação da figura do pai, eles poderiam ser “curados” pela psicanálise. Ao que parece, somente um movimento de aproximação da figura paterna esboçado por esses sujeitos os tornaria *naturalmente* viris e discretos e viáveis como homossexuais.

Portanto, *Rose* propõe, no decorrer de suas páginas, um *modelo homossexual viável* pautado na rejeição imprescindível dos comportamentos efeminados partilhados por alguns homens. O sucesso desse modelo que é produzido e legitimado pela revista, será assegurado pela exaltação da *discrição* investida a partir de então como símbolo de masculinidade.

De acordo com essa lógica, a masculinidade homossexual digna de visibilidade e aceitação social está materializada na figura do homem discreto. A presença de traços característicos da feminilidade parece ser politicamente incorreta nesses homens e, como já percebemos, tais trejeitos são transformados em indicadores de uma suposta patologia. Como mostram os anúncios publicados em “Encontro gay”, é necessário não apenas ser, mas também desejar parceiros discretos.

“Se você está a fim de curtir uma amizade ou algo mais, c/um gay passivo, assumido e discreto, escreva-me. Tenho 1,80m, 80kg, cab. e olhos cast., procura guei ativo.” (*Rose*, n. 51/1981, p. 41).

“Carioca, mor.-claro, 20 anos, 1,65m/58kg, olhos e cab. cast., sincero, amoroso, com grande admiração por guei discreto. Sou romântico e solitário, sem destino; quero ser adotado por uma pessoa que me faça feliz. Foto na 1ª. Carta.” (*Rose*, n. 60/1982, p. 40).

“Jovem arquiteto, corpo e rosto bonito, 1,85, inteligente, sem afetação ou frescura homossexual. Procuo um cara ativo, sem limite de idade, de preferência com pelos por todo o corpo; não precisa ser bonito, basta que não tenha características femininas. Se possível, foto e fone na 1ª carta.” (*Rose*, n. 65/1982, p. 40).

“Discreto, 34 anos, branco, 1,60m, form. Superior; deseja corresp. c/jovens de 18 a 28 anos, que sejam assumidos sem deixarem de ser viris.” (*Rose*, n. 65/1982, p. 41).

“Rapaz solitário, sensível e discreto, guei não declarado que mantém segredo, boa aparência, corpo gostoso, 1,76m/74kg, 33 anos, branco, nível sup., simples e sem vícios, desejo contatar com jovens homossexuais ativos e passivos, ambos os sexos, que tenham propensão íntima, e entendidos, mas que sejam discretos e não efeminados, p/troca de ideias, uma amizade verdadeira, encontros

e, talvez, muito mais. Peço foto na 1ª carta, a qual será devolvida e respondida.” (*Rose*, n. 73/1982, p. 41).

“Univ., 22 anos, mor.-claro, olhos verdes, cab. cast.-encaracolados, 1,70m/59kg, deseja corresp. c/entendidos discretos e que não tenham pinta de guei, de até 25 anos, p/ amizade ou compromisso; troca de fotos na 1ª. carta.” (*Rose*, n. 74/1982, p. 42).

Os anúncios dessa seção estavam publicados nas páginas finais da revista. Neles, homens de todas as regiões do País redigiam breves informações a seu respeito, como características físicas, idade, nível de escolaridade, profissão, situação financeira, traços de personalidade, interesses culturais e preferências sexuais. Contendo o nome (ou pseudônimo) e o endereço completo do remetente, esses anúncios deveriam ser encaminhados para a “caixa postal 1.716, Curitiba/PR, CEP 80.000”. Somente quando houvesse o interesse em publicá-los com algum destaque, era necessário enviar, junto com os referidos dados, um cheque no valor de Cr\$ 500,00.

Esses homens, ao descreverem suas características e preferências, delimitavam o perfil do parceiro ideal, seja para uma amizade estimulada muitas vezes pela troca de “nus masculinos”, como aparece em vários anúncios, ou para possíveis contatos íntimos sinalizados pela expressão “algo mais”. Os atributos físicos valorizados indicam a predileção por homens brancos, magros e geralmente jovens; poucos manifestam seu interesse por homens “com pelos por todo o corpo”. (*Rose*, n. 65/1982, p. 40). No entanto, a leitura detalhada dos inúmeros perfis publicados (que aqui me limito a reproduzir apenas alguns) indica que a beleza física está relegada a um segundo plano. A característica imprescindível e extremamente valorizada é a *discrção*, nesse caso compreendida, sobretudo, como a ausência de traços femininos. Assim, “não precisa ser bonito, basta que não tenha características femininas”. (*Rose*, n. 65/1982, p. 40).

Seja *gay*... mas não se esqueça de ser discreto, segundo a revista nos indica, essa é a condição fundamental para que os homens gays assegurem sua inteligibilidade social, para que seus corpos sejam viáveis não apenas na cultura, mas principalmente no espaço de trocas de parcerias afetivas e sexuais. Portanto, é compreensível que se busque por homens “entendidos, discretos e que não tenham pinta de guei” (*Rose*, n. 74/1982, p. 42), isto é, que apresentem uma conduta corporal e um comportamento social

masculinizado. O desejo de se corresponder com “entendidos, mas que sejam discretos e não efeminados” (*Rose*, n. 73/1982, p. 41) revela o demérito dos trejeitos efeminados materializados nos corpos de alguns homossexuais.

A “grande admiração por guei discreto” (*Rose*, n. 60/1982, p. 40), também sinaliza que a ideia de discrição convive muito bem com a ideia de segredo. Tal articulação fica evidente na fala do “rapaz solitário, sensível e discreto, guei não declarado que mantém segredo” e que quer contatar com “entendidos, mas que sejam discretos e não efeminados, p/troca de ideias, uma amizade verdadeira, encontros e, talvez, muito mais”. (*Rose*, n. 73/1982, p. 41). De qualquer modo, parece não haver maiores problemas no fato de que o homem tenha assumido sua preferência em se relacionar com outros homens, desde, é claro, que mantenha discrição. Homens “assumidos sem deixarem de ser viris” (*Rose*, n. 65/1982, p. 41) são desejados por aqueles que publicam seus anúncios em “Encontro gay”. E aqui a virilidade não está apenas vinculada à atividade sexual, mas, sobretudo, a uma conduta masculinizada. Nesses pequenos “classificados pessoais”, não há o estabelecimento de uma hierarquia valorativa entre aqueles que são ativos ou passivos nas relações sexuais, como é possível observar em outros momentos na revista. A figura do “gay passivo, assumido e discreto” (*Rose*, n. 51/1981, p. 41) é legítima na medida em que ele seja discreto, portanto, masculinizado. De fato, o que torna viável a existência desses sujeitos é a ausência de “afetação ou frescura homossexual” (*Rose*, n. 65/1982, p. 40).

A estigmatização dos homens efeminados prossegue nas caricaturas do concurso “Dê o ar de sua guei-graça”. Elaborados a nanquim, esses desenhos eram enviados de acordo com as orientações do concurso, para “*Grafipar* – Revista *Rose*, *Concurso Permanente de Humor Guei*, Caixa Postal n. 1.716, Curitiba, CEP 80.000, Paraná.” O espaço era destinado à participação tanto de humoristas profissionais quanto de amadores e premiava com a quantia de Cr\$ 1.000,00 o cartun selecionado para publicação. Entretanto, os critérios adotados para tal seleção não são referenciados pela revista.

É recorrente, nessas imagens, a exibição de corpos masculinos caricaturalmente efeminados. A constituição andrógena desses corpos revela silhuetas magras, cabelos arrumados de forma elaborada, faces carregadas por traços fortes de maquiagem, uso de pulseiras, brincos, cintos e sapatos de salto alto. Por vezes, na ambientação desses cartuns, as formas delgadas deixadas à mostra pelo uso de roupas justas, decotadas, ou pela ausência de vestuário na parte superior do tronco, contrasta com a figura de homens

corpulentos e fortes, cuja expressão facial em nada lembra a delicadeza dos primeiros.

Algumas noções sobre homossexualidade, bastante corriqueiras no senso comum, são retomadas por esses desenhos. A ideia segundo a qual os homens *gays* levariam uma vida dupla, reservando a manifestação de suas preferências afetivo-sexuais e trejeitos efeminados nas vivências noturnas, é materializada na imagem editada no exemplar número 74 (agosto de 1982). Nela, vemos uma sequência, na qual o homem recatado, vestido sobriamente e se portando de forma masculina durante o dia, transforma-se à noite em uma “bicha pintosa” – para usar uma expressão da época. A caracterização do homossexual masculino a partir de uma disforia de gênero, ou seja, uma alma feminina em um corpo masculino – no caso dos cartuns, nem tão masculino – aparece na edição número 61 (fevereiro de 1982), na qual um homossexual responde ao insulto: “*bicha nojenta*”, com a seguinte afirmação: “Ó!!! *Bicha não...! Sou uma ‘mulher com problemas’, viu?...*”

#### Imagem 4



Rose n. 74/1982, p. 40



Rose n. 61/1982, p. 32

O quadro composto pelos traços efeminados desses homens é coroado pela suposição de sua passividade sexual. Sobre esse aspecto em particular, os registros elaborados pelas imagens do concurso são bastante elucidativos. É inegável a criatividade dos responsáveis pela criação dos cartuns. Em um deles vemos um homem vestindo *blazer*, camisa, gravata borboleta e cartola, sem qualquer roupa da cintura para baixo, correndo atrás de uma espécie de batuta, ou vara de mágico, e proferindo: “Vem cá varinha vamos fazer uma mágica.” (Rose, n. 55/1981, p. 32). O desejo pelo pênis ereto transforma-se literalmente em objeto de consumo na gravura número 77 (outubro de 1982). Parados diante da *vitruve* de uma loja de artigos eróticos

– fartamente composta por pênis artificiais de variados tamanhos, espessuras e cores – dois homens bastante efeminados comentam sobre os artigos expostos. Um deles diz: “Ai, ai! Olha só aquele vermelhinho ali! Me dá até um arrepiãozinho no (censurado)!”, ao que seu interlocutor responde: “E é quase tão grande quanto o do Ricardão.” (Rose, n. 77/1982, p. 40). Essa edição marca o fim do concurso “Dê o ar de sua guei-graça”, que, como outras seções e concursos da revista, foi extinto sem qualquer explicação por parte dos editores.

### Imagem 5



Capa de *Rose* n. 55/1981, p. 32

Capa de *Rose* n. 77/1982, p. 40

O deboche dessas caricaturas, ao acentuar os trejeitos efeminados dos homens *gays*, elege-os como comportamentos que devem ser combatidos pelo projeto de produção de uma masculinidade homossexual legítima. Nesse sentido, a consolidação desse projeto será obtida a partir dos ensinamentos operacionalizados pela revista, cuja principal lição insiste que o homossexual deve ser o mais discreto possível. Ele deve se aproximar ao máximo do modelo de gênero masculino, o que implica partilhar de alguns códigos de masculinidade – virilidade, atividade sexual e, sobretudo, aparência física e conduta social discretas.

Estaríamos, portanto, diante de pedagogias do gênero e da sexualidade que, ao colocar em ação tecnologias de governo, resultam na elaboração de “tecnologias de autodisciplinamento e autogoverno que os sujeitos exercem sobre si mesmos”. (LOURO, 2007, p. 25). Havendo, dessa maneira, “um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou ‘jeitos de viver’ sua sexualidade e seu gênero”. (LOURO, 2007, p. 25-26). É assim que, no decorrer de nossa vida, a partir

de distintas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres em um processo que está longe de ser linear, progressivo ou harmônico e que jamais está finalizado ou completo. O que revela uma intrínseca articulação entre gênero e educação, uma vez que “educar engloba um complexo de forças e de processos [...] no interior dos quais indivíduos são transformados *em* – e aprendem a se reconhecer *como* – homens e mulheres”. (MEYER, 2008, p. 17, grifo nosso), no contexto cultural a que pertencem.

Enfim, o percurso de pesquisa aqui desenvolvido apontou para uma dentre outras interpretações possíveis acerca da produção das masculinidades homossexuais na revista *Rose*. De qualquer maneira, a revista aqui tomada como fonte histórica não pode ser reduzida às análises empreendidas nessa investigação, uma vez que ela é portadora de outros significados, de outras pedagogias do gênero e da sexualidade que não foram aqui problematizados. Além do enunciado investigado, outros enunciados circulam nas páginas de *Rose*, indicando a riqueza dessa publicação que contribuiu com o movimento de visibilidade homossexual em curso no contexto histórico-cultural da sociedade brasileira, entre os anos de 1970 e 1980.

## Notas

---

<sup>1</sup> O acervo da revista *Rose* de que disponho é composto pelas seguintes edições: 5, 6, 7, 8, 9 (todas de 1979), 11, 12, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 28, 30, 31, 32, 33 (todas de 1980), 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 44, 45, 48, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 58 (todas de 1981), 59, 60, 61, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 73-A (fotonovela), 74, 75, 76, 77, 78, 79 (todas de 1982), 81 (de 1983). Esse conjunto documental foi empregado como fonte de análise em minha pesquisa de Mestrado intitulada *Seja gay... mas não se esqueça de ser discreto: produção de masculinidades homossexuais na Revista Rose (Brasil, 1979-1983)*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, no ano de 2011.

<sup>2</sup> Em relação à noção de *abjeção*, Judith Butler (2007) esclarece que a “matriz excludente pela qual os sujeitos são formados [a autora se refere à heterossexualidade compulsória] exige, pois, a produção simultânea de um

domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são ‘sujeitos’, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas ‘inóspitas’ e ‘inabitáveis’ da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do ‘inabitável’ é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Essa zona de inabitabilidade constitui o limite definidor do domínio do sujeito; ela constitui aquele local de temida identificação contra o qual – e em virtude do qual – o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação de direito à autonomia e à vida. Nesse sentido, pois, o sujeito é constituído através da força da exclusão e da abjeção, uma força que produz um exterior constitutivo relativamente ao sujeito, um exterior abjeto que está, afinal, ‘dentro’ do sujeito, como seu próprio e fundante repúdio”. (BUTLER, 2007, p. 155-156).

## Referências

---

- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed., 3. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 151-172.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CONNELL, Robert W. Políticas da masculinidade. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. 25. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2008b.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 20, v. 2, p. 101-132, jul./dez. 1995.
- \_\_\_\_\_. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed., 3. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 7-34.
- \_\_\_\_\_. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 9-27.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 20, v. 2, p. 101-132, jul./dez. 1995.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. 4. ed. Brasília: Ed da UnB, 2008.